

DÍVIDA EXTERNA

02 JUN 1990

Brasil espera acordo realista com credores

Para diretor do BC, não adianta um acerto sem garantias mútuas

RIO — O diretor da Área Externa do Banco Central, Antônio Cláudio Sochaczewski, acredita que o Brasil conseguirá fechar um acordo “sem faz-de-conta” com os credores. Segundo ele, os banqueiros têm apoiado o esforço interno do Brasil e se interessam por um acordo realista. “Não adianta acertarmos algo que, aquele que deve, sabe que não vai pagar e quem emprestou sabe que não vai receber”, observou.

O acordo com os credores, no entanto, só deve ser fechado no fim do ano. “Depois das reuniões com os representantes do FMI, este mês, ainda teremos de passar pelo Clube de Paris”, lembrou. “Além disso, não há definição de caminhos: estamos testando todas as alternativas e discutindo com banqueiros de todos os portes”, acrescentou.

A data da reunião com os representantes do FMI ainda não foi marcada porque o governo trabalha nas contas fiscais e externas que deve apresentar. Sochaczewski não adianta números, dizendo apenas que o superávit da balança comercial deverá baixar para US\$ 13 bilhões.

Ontem, quando participava do seminário A Retomada do

Desenvolvimento — O Brasil na Década de 90, na Associação Comercial do Rio de Janeiro, Sochaczewski soube pelo diretor do Departamento Brasil do Banco Mundial, Armeane Choksi, que o País poderá receber um auxílio extra para o acerto com os credores. Segundo Choksi, o Banco Mundial possui um “sistema novo” para “encorajar” os bancos privados a concluir a negociação com o Brasil. Trata-se de uma espécie de garantia de parte dos pagamentos que a instituição oferece em determinado momento das conversações. Isso já foi usado para o México e Venezuela. “No caso mexicano, representou um empréstimo de US\$ 1,2 bilhão”, informou Choksi. Ele acha que o governo Collor vem conduzindo adequadamente a questão da dívida externa. “Há economistas capazes, que sabem o que estão fazendo”, disse.

Em palestra no seminário, o diretor da Divisão de Finanças do Departamento Brasil do Bird, Demetrios Papageorgiou, disse que o banco recomenda sempre que os ajustes econômicos sejam iniciados por um forte apoio às exportações, com drástica desvalorização da moeda. Sochaczewski não concorda com essa idéia. “Nós preferimos uma flutuação do câmbio que acabará encontrando seu ponto ideal”, afirmou.